

José Cardoso Pires disse-nos...

L I em provas «O Delfim»... Foram duas noites de leitura ardente, onde as palavras, as personagens, o desenrolar rigoroso da história, cultivaram de imagens de uma beleza indestrutível as horas brancas de madrugada quase sempre rígidas.

Romance extraordinário, há nele não só a marca do verdadeiro escritor: há a marca do verdadeiro homem. O homem que dá ao escritor a verdade da história, que lhe empresta o seu saber, o seu mundo, a sua consciência das coisas. O seu tacto. O seu olfacto. O seu ouvido.

O DELFIM

No princípio era o Delfim... Na cosmografia de Cardoso Pires esta nova figura adquire as dimensões do mito. O Delfim, um engenheiro descendente de lavradores, estabelece a sua trajectória em torno de uma lagoa tutelar e, logo às primeiras páginas, o romance abre com uma legenda que se mantém ao longo de toda a leitura: «Ad Usum Delphini».

Rememoro o livro, a intriga

po alienado. Física e historicamente alienado. De resto, qual te parece mais importante, o engenheiro ou o «Jaguar»? Qual é o verdadeiro protagonista, a lagoa ou o narrador? Não, o que eu quis descrever foi o tempo de um meridiano histórico nas suas abstracções.

ESPAÇO — TEMPO

— E o estilo, este tem novo estilo, inesperado e diferente?

— Aí continua a ser a concepção do tempo que impõe o recorte da prosa, o andamento, como na música. Forma e ritmo, isto é, marcação de tempo, são duas condições determinantes inseparáveis. Gostas de Ornette Coleman?

— Bastante.

— Pois é isso. Ornette Coleman e o free jazz são um exemplo cimeiro, a lição de uma das maneiras de criar.

Cardoso Pires sai por um instante. Volta com um disco LP: Ornette Coleman, «Change of the Century».

— Tocar ad libitum... Escrever ad libitum, ou seja, sem tempo marcado. Quando ouço

provincia... Ainda há dias li um volume sobre actividade artística em Portugal e onde, sei lá, setenta por cento das abonações vinham de autores estrangeiros. E algumas, aqui para nós, eram puramente desnecessárias. Cada vez que vejo isso lembro-me da prosa da Augustina Bessa-Luis. Muito ouropel para esconder o fácil. Muita erudição regional. De-testo.

Cardoso Pires tem hoje no

(Continua na pág. 6)



Entrevista por MARIA TERESA HORTA

(«Todo este romance é uma recuperação constante da verdade», diz-me Cardoso Pires...) Vejo, estou a ver novamente, Tomás Manuel da Palma Bravo, engenheiro silvicultor, a chegar a casa no potente «Jaguar» e a encontrar a mulher morta, afogada. Quanto tempo dura esta intriga? Duas páginas? O livro inteiro? Sem dúvida que há aqui uma dimensão insólita de tempo e espaço, uma neblina...

— Uma alienação, diz antes. A personagem principal é tem-

isto penso na maravilha que é o rigor dentro da vertigem. Pronto, não falo mais do Ornette Coleman. Gostaria imenso que a nossa entrevista não tivesse nenhum nome, nenhuma citação estrangeira. É um vício de aldeia esse de se mostrar que se está em dia. Que cá os intelectuais são do grande mundo e não se contentam com a prata da casa. É ou não é assim?

Tento voltar ao «Delfim», mas ele insiste:

— É realmente um complexo de afirmação, uma janotice de

JOSÉ CARDOSO PIRES

DISSE-NOS...

(Continuação da pág. 1)

rosto a cicatriz do cansaço. Trabalhou até às quatro da manhã e levantou-se cedo, como sempre. Há nos seus olhos um brilho agudo, cortante. «Mas vamos ao que interessa», diz, depois de um silêncio.

— Falávamos do espaço e do tempo na estrutura de «O Delfim».

— Sim... o tempo... Isso vai-nos levar longe. Vai com certeza. Por exemplo, o diacronismo de uma narrativa não se apresenta para mim como uma solução ou como um processo de criar clima. Interessa-me muito mais notar que os romances no *intemporal* e de acção suspensa se ajustam melhor a uma sociedade destituída de dinamismo do que a qualquer outra. De todos os nossos escritores o único que trouxe uma contribuição nova nesse capítulo foi Abelaira.

A GAFEIRA

«Um mundo entre dois pólos de ruínas. Nas raízes da aldeia um estendal de grandezas romanas registadas no memorial de um abade cistercense; na linha dos montes uma casa desmoronada sobre a lagoa» (pág. 130 das provas).

— Sim, mas a Gafeira não existe.

— Mas há um mapa. Pelo menos falaste-me nele há bo-cado.

— Fui eu que o desenhei. Servi-me dele algumas vezes, depois deixei-o para aí.

— E o nome?

— O nome tirei-o de gafe, leproso. Propositadamente evitei outro nome da mesma raiz — a Gafanha, que tem existência real, como sabes. Gafeira, não sei se há alguma terra assim chamada.

— No entanto, dá-nos uma aldeia tão real, tão verdadeira, que custa a acreditar que não exista. Tu situas nela não só as casas, as ruas, a lagoa, que nós conhecemos, quotidianamente, como situações com ela, através dela, a acção do teu romance, a posição das suas personagens, a tua própria posição.

— É tudo tão real, tão do nosso conhecimento diário!

— Será um condado mítico, se quiseres. Sabes tão bem como eu que não há nada mais real do que a colagem das fragmentações seleccionadas. E é isso. Podia até citar um verso teu. Seria uma enternecedora troca de flores.

A JANELA

«Por baixo deste meu posto sobre a Gafeira, por baixo da loja que a dona da pensão transformou em sala de jantar e mais fundo ainda, trinta ou quarenta palmos mais fundo, tenho aquedutos subterrâneos (abade Agostinho dixit), opulência, pegadas de um tribuno ocupador, Octavius Teophilus, varão consular. Estou sobre um ossário da História. Os ciclistas e as viúvas-de-vivos passeiam-se sobre ela...» (pág. 207).

Debruçado sobre a secretária, Cardoso Pires empurra papéis, mais do que os arruma.

— Já agora, gostava de te mostrar o relatório da autópsia da Maria das Mercês. De resto não o utilizei, pelo contrário, precisei de tirar à figura o seu aspecto documental. Já vês, uma heroína que morre afogada e com os cabelos a ondular à

flor da água é perfeitamente impossível. Mas o exagero foi intencional.

— A Maria das Mercês...

Hesito. Aquela mulher vem dominando a minha memória, enraizando-se no meu pensamento. Personagem quase difusa, quase onírica, às vezes, personagem afinal que o escritor quer, fez de segundo plano,



Mapa da aldeia imaginária da Gafeira, segundo desenho de José Cardoso Pires

Maria das Mercês, contudo, tem a força das verdadeiras personagens, a saltar do livro para dentro das horas dos nossos dias, a entrar, a interferir nos nossos gestos mais simples: o arranjar de uma jarra; e eis que Maria das Mercês nos aparece afoada na Lagoa, os cabelos espalhados, a flutuar... O fechar dos olhos, um momento, cansados; e eis Maria das Mercês no chão da sala a ver as imagens secas de uma televisão com o som cortado...

Hesito pois, e acabo sem mais nada dizer, por enquanto.

Cardoso Pires retira do meio dos papéis uma fotografia de um «Jaguar». Ele e um outro homem encaram a objectiva, encostados ao «capot» do carro.

— É belo, não é?

— Lindo. É realmente um esqualo, como tu o definiste. Onde tiraste essa fotografia?

— Não responde e o silêncio desce, a cobrir um fim de tarde ventoso e frio, onde uma Primavera insipiente mal se desenha.

A claridade baça, vinda através da janela pequena, suja os tons que devem ser claros, das lombadas dos livros, que tapam as paredes até ao tecto baixo.

A LAGOA

«Lagoa, para a gente daqui, quer dizer coração, refúgio da abundância. Odré. Ilha. Ilha de água cercada de terra por todos os lados e por espingardas de lei.» (pág. 129).

«Um viajante que ponha o dedo no mapa do Automóvel Clube vai encontrá-la, mais quilómetro menos quilómetro, entre a linha azul do oceano e as manchas castanhas dos montes. Se for caçador, melhor, menos esquece porque tem um desenho incon-

fundível: o contorno de uma pata de ganso espalmada sobre o papel.» (pág. 162).

— Tens uma descrição da lagoa a meio do livro que me parece particularmente feliz. Uma citação da «Memória da Gafeira», do tal abade.

— Que é minha, se dá licença.

— Estou a ver.

sa difícil e dolorosa. No seu gesto de levar a chávena de chá à boca, há qualquer coisa de desfazado, de chocante. Naquele seu gesto lento, manso, da boca sobre a porcelana. E apenas a memória, a minha memória que me dita o mesmo gesto repetido tantas vezes; que o vi repetir tantas vezes, com um copo. Afinal José Cardoso Pires não diz bem com os gestos vulgares de um quotidiano vulgar. Eu estou a exigir-lhe um copo, álcool num copo qualquer, que o complete para o meu hábito de amiga de há tantos anos, para a minha memória acente sobre os gestos que lhe completam um retrato que pensava conhecer, que pensava ter em paz.

— Que raio de vida esta! Numa prateleira da estante, mesmo sobre a sua cabeça, está uma bela imagem antiga, de santarica, com o seu vestido tecido na madeira, vasto, decotado. Olhando bem, tem afinal um ar de mulher líbrica escondido sob um aspecto de mulher à espera, que desarma.

— Que porcaria!

As imprecações saem-lhe com a violência necessária. Acabo por rir, mas ele não ouve, todo metido dentro de um armário baixo, armário que completa a estante, que completa a estante clara, toda à roda da parede. O seu cansaço irritado dá-lhe para não estar quieto. Penso que procura ainda o mapa da Gafeira, mas não:

— Queres ver as outras versões de «O Delfim»?

Tenta abrir o embrulho, mas acaba por rasgar o papel lavrado; o papel fino, de loja cara.

— Primeiro esboço... Outubro de 1961.

— Antes da publicação do «Hóspede de Job»?

— Antes. Fiz este esboço e nunca mais lhe peguei. Tenho aí dois romances nestas condições... feitos, que nunca mais lhes peguei.

— E isto aqui?

— É a versão antes da definitiva, ainda teve bastantes emendas, como vês.

— Quantas versões fizeste?

— Cinco. Olha, esta é a primeira, escrita à máquina.

— Mas é muito mais pequena!

— É um esboço. Tem aí quarenta páginas e a versão definitiva umas trezentas e setenta e tal.

— Que existem. Disso, ao menos, tenho eu a certeza...

Eis o sorriso, o sorriso que lhe dá à boca aquele jeito característico de ironia, que lhe empresta ao rosto aquela maneira libertina de se distender. Esse sorriso aparece hoje pela primeira vez, aliviando-lhe os traços. Talvez esteja menos irritado, mas continua fechado, tenso.

Aliás, encontro nele um certo desencanto, uma certa tristeza que não lhe conhecia antes. No entanto o seu romance tem a segurança, o peso das coisas definitivas, das coisas elaboradas com as grandes certezas, com as grandes convicções.

Só um escritor que tivesse atingido a plenitude do seu corpo e do seu espírito o poderia ter feito.

Enquanto lia o «Delfim», nos poucos momentos em que me conseguia libertar do seu encanto, do seu fascínio, admirava-lhe a coragem. Que é preciso ter coragem para dar um

pontapé numa posição já criada e recomear tudo... dar uma volta e recomear uma coisa totalmente nova.

— Achei admirável este teu romance, mas não te parece que o leitor se irá chocar? É na verdade um estilo tão inesperado...

— Não. Mas da maneira como apresentas Maria das Mercês, não me parece... enfim, dá-lhe um papel tão difuso, é de todas as personagens a que explicas menos. Enquanto solteira, importas-te com ela, minuciosamente, mesmo, mas depois de casada deixa-la sempre em segundo plano, é apenas um objecto decorativo. Porquê?

— É evidente que para um homem como o protagonista, a mulher tem um papel secundário, é um ornato por um lado e por outro um elemento de garantia familiar. Naturalmente que eu pretendi que ela estivesse num plano secundário e apesar de tudo é ela quem acaba por decidir o desfecho da tragédia.

— Talvez por isso eu lhe devesse ter chamado «Memória Descritiva» em vez de romance. «Memória Descritiva», como na Arquitectura. Reparo que muitas vezes há nele descrições objectivas, com uma preocupação de enumeração, de cadastro, etc., que são muito vizinhas das descrições de um relatório técnico.

— A descrição de toda a desordem no posto de gasolina...

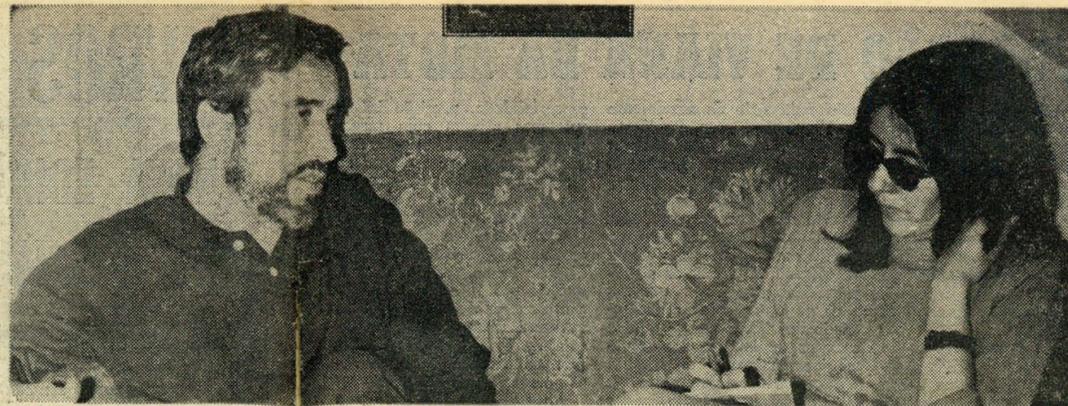
— Esse é um dos exemplos, acho que sim.

O telefone interrompe o silêncio apenas cortado pelas nossas vozes. Tem aquele som metálico, estridente, que não deixa nunca de irritar, de perturbar. Fico sôzinha na contemplação das coisas que me rodeiam: é tudo simples e sincero, em nada encontro a marca sofisticada da exibição. Os quadros que tapam os bocados nus que a estante deixa da parede, são apenas a necessidade de tê-los, de vê-los, por certo, mais que a exigência decorativa da casa, que a exigência intelectual de os mostrar. A secretária direita, coberta de papéis, de livros, tem aquela desarrumação espontânea do homem instintivo que sempre conheci em Cardoso Pires. Do homem laborioso, activo. Apesar disso é talvez a única pessoa que conheço que consegue ter tempo para demorar uma conversa, enquanto bebe um copo a qualquer hora do dia. Com ele as horas podem passar sem se olhar para o relógio naquela urgência de tempo que nos foge. José Cardoso Pires é um homem que exige tempo para o dar aos outros, para o perder com os outros, para o empregar em si mesmo.

Com aquela sinceridade clara, que nunca me chocou, ri ou cala-se conforme a disposição, sem se importar que isso não esteja de acordo com a situação do momento.

Os seus passos soam cansados, devagar. No entanto, quando entra, traz um sorriso de desculpa pela demora. Senta-se à minha frente a fumar o cigarro permanente. Então tento de novo:

— Zé, a Maria das Mercês... hesito ainda, mas continuo — fizeste com ela uma figura de mulher diferente das tuas figuras habituais. É bela, mas choca-me que a tenhas casado com o engenheiro, não me pa-



José Cardoso Pires dialogando com Maria Teresa Horta

rece que seja a mulher que ele escolheria... parece-me bem diferente desse tipo de mulheres... de senhoras...

— Mas não fiz dele um marialva estúpido, penso eu.

— Não. Mas da maneira como apresentas Maria das Mercês, não me parece... enfim, dá-lhe um papel tão difuso, é de todas as personagens a que explicas menos. Enquanto solteira, importas-te com ela, minuciosamente, mesmo, mas depois de casada deixa-la sempre em segundo plano, é apenas um objecto decorativo. Porquê?

— É evidente que para um homem como o protagonista, a mulher tem um papel secundário, é um ornato por um lado e por outro um elemento de garantia familiar. Naturalmente que eu pretendi que ela estivesse num plano secundário e apesar de tudo é ela quem acaba por decidir o desfecho da tragédia.

— Talvez por isso eu lhe devesse ter chamado «Memória Descritiva» em vez de romance. «Memória Descritiva», como na Arquitectura. Reparo que muitas vezes há nele descrições objectivas, com uma preocupação de enumeração, de cadastro, etc., que são muito vizinhas das descrições de um relatório técnico.

— A descrição de toda a desordem no posto de gasolina...

— Esse é um dos exemplos, acho que sim.

O telefone interrompe o silêncio apenas cortado pelas nossas vozes. Tem aquele som metálico, estridente, que não deixa nunca de irritar, de perturbar. Fico sôzinha na contemplação das coisas que me rodeiam: é tudo simples e sincero, em nada encontro a marca sofisticada da exibição. Os quadros que tapam os bocados nus que a estante deixa da parede, são apenas a necessidade de tê-los, de vê-los, por certo, mais que a exigência decorativa da casa, que a exigência intelectual de os mostrar. A secretária direita, coberta de papéis, de livros, tem aquela desarrumação espontânea do homem instintivo que sempre conheci em Cardoso Pires. Do homem laborioso, activo. Apesar disso é talvez a única pessoa que conheço que consegue ter tempo para demorar uma conversa, enquanto bebe um copo a qualquer hora do dia. Com ele as horas podem passar sem se olhar para o relógio naquela urgência de tempo que nos foge. José Cardoso Pires é um homem que exige tempo para o dar aos outros, para o perder com os outros, para o empregar em si mesmo.

Com aquela sinceridade clara, que nunca me chocou, ri ou cala-se conforme a disposição, sem se importar que isso não esteja de acordo com a situação do momento.

Os seus passos soam cansados, devagar. No entanto, quando entra, traz um sorriso de desculpa pela demora. Senta-se à minha frente a fumar o cigarro permanente. Então tento de novo:

— Zé, a Maria das Mercês... hesito ainda, mas continuo — fizeste com ela uma figura de mulher diferente das tuas figuras habituais. É bela, mas choca-me que a tenhas casado com o engenheiro, não me pa-

reza os dedos pela barba negra, curta, arranjada. Eis outro gesto que não lhe conhecia. Há anos, na sua cara rapada, os seus dedos tinham outro significado.

— Não agora reparo que é um homem mais velho, este que me apareceu depois do intervalo destes anos em que não nos vimos. Apeteciu-me perguntar-lhe: o que fizeste durante estes anos para te ver assim, bebendo chá, cansado, tu que, bem sei, preferias estar aqui, bebendo e cavaqueando, sem este programa de entrevista, sem este anúncio para a rua de um trabalho que te levava anos a acabar?

— Mas é o tempo — é precisamente a acção desse herói abstracto do *Delfim* que agora nos põe frente a frente, procurando resumir mil questões num curto e obrigatório espaço de horas.

— Tenho ainda presente o que ele disse há bocado:

— Penso que o tempo de

vida, isto é, o rendimento útil de viver a vida, varia de país para país, de sociedade para sociedade. Portanto o tempo físico, a idade do homem, os anos que o homem gasta a viver, estão relacionados com o rendimento da produtividade. Mas a ânsia de viver, sob certos condicionamentos pode conduzir à alienação, à mitomania e esse é outro problema de *O Delfim*. Ao fim e ao cabo tudo está ligado: capacidade de vida e consciência do direito cívico.

O Delfim é também o cadastro dos mitos com que se alimenta o indivíduo substituído de função cívica, ou seja, de autoridade social.

— Digamos que às vezes é quase uma história policial... com uma determinada acção que a faz lembrar...

— O que me interessa é disserter a acção, isto é, pô-la em função permanente das relações éticas, psicológicas, etc., que um acontecimento em si sus-

— Digamos que às vezes é quase uma história policial... com uma determinada acção que a faz lembrar...

— O que me interessa é disserter a acção, isto é, pô-la em função permanente das relações éticas, psicológicas, etc., que um acontecimento em si sus-

— Digamos que às vezes é quase uma história policial... com uma determinada acção que a faz lembrar...

— O que me interessa é disserter a acção, isto é, pô-la em função permanente das relações éticas, psicológicas, etc., que um acontecimento em si sus-

— Digamos que às vezes é quase uma história policial... com uma determinada acção que a faz lembrar...

— O que me interessa é disserter a acção, isto é, pô-la em função permanente das relações éticas, psicológicas, etc., que um acontecimento em si sus-

cita. Quanto ao estilo, este romance tem, como tu reparaste, uma estrutura diacrónica e eu refiro-me expressamente a isso no decorrer do livro.

Interrompe-se para acender outro cigarro. Novamente o silêncio pesa nos nossos ombros como um fardo e um alívio, ao mesmo tempo. Levo uma das mãos à testa e ele repara, levemente inquieto:

— Que tens?

— Digo-lhe da dor de cabeça, da fadiga.

— Gaita.

Mais uma vez o reconhecimento. O interesse pelos seus amigos faz-lhe esquecer os seus próprios interesses.

Depois, continua:

— É um livro feito com um compromisso entre a memória e a imaginação, entre o real e a sua projecção na hipótese, ou antes, entre o provado e a hipótese.

— Não achas que vai cho-

(Continua na pág. 10)

ENTREVISTA COM JOSÉ CARDOSO PIRES

(Continuação da pág. 7)

car também o leitor a questão da primeira personagem ser o próprio escritor?

— Pois. Os romances na primeira pessoa pecam muitas vezes por uma falsa modéstia com o que o narrador se descreve para angariar a simpatia do leitor. Essa posição desagradame até porque empobrece o poder de convicção relativamente às outras personagens.

Batem à porta da pequena

sala, ou do pequeno escritório, se assim o desejarem (para condizer mais com a entrevista). A conversa torna a ser cortada.

— Está lá fora um senhor, à espera.

Levanta-se e sai à pressa. Fico novamente sôzinha, com o crepúsculo já a tomar conta da casa. O crepúsculo a agarrar-se a todos os objectos, a resvalar, a entranhar-se, a adormecer dentro dos frascos de vidro. Pego no álbum que está em cima de uma mesa

pequena, baixa, perto da minha cadeira: «Jodell». Folhei-o devagar, curiosa; é a primeira vez que tenho a oportunidade de ler «Jodell.» Os minutos passam devagar, amolecidos, peganhentos, agarrados uns aos outros. Quando volta, Cardoso Pires traz qualquer coisa nas mãos.

— Queres ver o cartaz do Delfim?

De joelhos, põe o cartaz sobre o tapete. Uma armadura gigantesca, ou melhor, o elmo

de uma armadura gigantesca, onde se desenha este título:

O DELFIM

O senhor medieval está bem expresso no sugestivo cartaz; ao mesmo tempo sóbrio e atraente, dominador.

«— Sabes, a figura do engenheiro fascina-me, faz-me lembrar alguns homens da minha família...»

«— Machismo... marialvismo... É isso?»

São pedaços da nossa conversa de há pouco que me lem-

bram agora. Ficamos a olhar o cartaz a nossos pés, presos dele. Depois descobrimos que é tarde e decidimos continuar noutro dia a entrevista. Combinamos tudo em voz baixa, como se defendêssemos alguém do ruído das nossas vozes.

À porta sinto o vento desencontrar-se nos meus cabelos, aperto o casaco e recordo ainda:

— Procura o mapa, não te esqueças...

Começa a ser uma ideia fixa em mim, publicar o iti-

nerário de uma aldeia que não existe.

«— A Gafeira não existe.» Mas existe um mapa, através do qual o romancista guiou as personagens.

Antevejo as ruas que ele observou da janela, e ao fundo tudo e todos, a lagoa: O Delfim.

Peço-lhe desculpa da «entrevista frustrada». Com a mão no ombro da filha, acena-me da porta, tendo o riso aberto dos dias bons, finalmente. E eu, enquanto procuro um táxi, penso em que mesmo uma entrevista fracassada tem o seu significado e uma sinceridade que talvez — quem sabe? — possa resultar com maior verdade.

Penso nisso. Tentarei. Sim, digo comigo mesma. Vale a pena tentar.

MARIA TERESA HORTA